

Experiência e autogestão em uma Cooperativa de Educação¹

Por Mariana Ferreira, Heitor Coelho, Daniel Barçante e Adriana Fernandes
(Cooperativa Internacional de Educação Popular Movimento)²

Trajatória

A Movimento surgiu no início de 2009, do encontro de profissionais de diversas áreas, em sua maior parte trabalhadores da educação, desejando tratá-la de uma maneira diferente: fora das lógicas dominantes do mercado e do academicismo. Para este grupo, a educação é uma maneira de estar no mundo, uma forma de fazer política, parceira dos que resistem ao capitalismo.

A Cooperativa não separa a vida profissional da atividade militante, assim como acredita que é possível organizar um grupo sem orientações hierárquicas, com cargos definidos por critérios técnicos ou mesmo financeiros; uma aposta, em resumo, na autogestão.

Como primeira experiência, realizamos bate-papos abertos ao público, na Lapa, sobre temas diversos, sempre com um convidado especial. Em outubro de 2009, organizamos a festa "Entrelínguas", com DJs tocando música latina e performances, objetivando angariar fundos.

Em parceria com o Pontão de Cultura da ECO/UFRJ, montamos o curso "Comunicação em Movimento". O curso apresentou a integrantes dos movimentos sociais a possibilidade de articulação em rede através das tecnologias de informação. Como desdobramentos, aconteceram oficinas de filmagem na Chiquinha Gonzaga³, com alguns dos jovens presentes no curso do Pontão e sua participação no filme "Cine-Rebelde". A película registra momentos de nosso primeiro "grande evento": o I Festival Internacional de Cine-Rebelde⁴.

O Rio de Janeiro sediou, em março de 2010, o 5º Fórum Mundial Urbano, da ONU. Em protesto a este evento, os movimentos sociais constituíram o Fórum Social Urbano (FSU)⁵. O Festival de Cine-Rebelde inseriu-se neste fórum, exibindo filmes gratuitamente em diferentes pontos da cidade. Como destaque, o lançamento do documentário *Atrás da Porta*, de Vladimir Seixas e Chapolin, sobre ocupações urbanas, que causou grande comoção e acalorados debates na platéia da Escola Estadual Almirante Tamandaré, na favela do Vidigal. Oficinas também estavam na

¹Agradecemos especialmente a Julia Franca, João Barbosa e Pedro Henrique pelas sugestões ao texto.

²A Cooperativa Internacional de Educação Popular Movimento é composta por Adriana Fernandes, André Basseres, Daniel Barçante, Fernando Mamari, Gilda Moreira, Heitor Coelho, Iazana Guizzo, João Barbosa, Júlia Franca, Mariana Ferreira e Pedro Henrique Oliveira. Email para contato: movementecoop@gmail.com

³A ocupação Chiquinha Gonzaga, localizada no centro do Rio de Janeiro, foi organizada originalmente pela Frente de Luta Popular, em 2005, junto a moradores de rua e trabalhadores informais. Hoje é referência para o movimento das ocupações de "sem-teto" do centro da cidade.

⁴Ver <http://www.festivaldecinerebelde.blogspot.com>

⁵ Ver <http://www.forumsocialurbano.wordpress.com>

programação, que teve como encerramento o lançamento de *Imagens e Símbolos*, do cooperado Fernando Mamari. O filme mostra sua viagem pela América do Sul e o encontro com movimentos, cooperativas, ocupações, etc.

O Festival foi muito positivo para a Cooperativa porque ampliou os contatos com grupos e pessoas com políticas e estéticas afins. Podemos destacar o coletivo *Cine Ataque!*⁶, que exhibe filmes em lugares públicos. Durante o Fórum da ONU, o coletivo fez uma performance próximo à entrada do evento, com um *data-show*, um lençol amarrado em uma corda e um gerador de mão. Outro destaque foi o *Cineclube Mate com Angú*⁷. O grupo há oito anos faz filmes e os apresenta numa sala em Caxias, região metropolitana. O Cineclube cedeu três curtas-metragens para uma sessão do Festival, após a qual debatemos com seus membros e os demais presentes. Foi uma feliz oportunidade de conhecermos pessoas que fazem e vivem o cinema de modo não-subserviente a indústria cultural e aos editais públicos.

Dificuldades da cooperativa

Num nível jurídico-institucional, há vários entraves ao surgimento e permanência de cooperativas no país. O custo para registro, criação e manutenção da instituição no papel é elevado. A legislação pertinente às cooperativas tem origem conservadora, e a “febre das cooperativas” intensificou-se com a onda neoliberal, quando inúmeras empresas viram na contratação de serviços das mesmas uma forma de fraudar os encargos trabalhistas.

O que ocorre na lei é reflexo de oposições aos princípios que valorizam a autonomia e o igualitarismo, presentes na origem do cooperativismo. Em geral, hoje, apenas de modo minoritário acredita-se possível um empreendimento sem estrutura hierárquica, nem interessado especialmente no lucro. Mesmo as exceções costumam, por outro lado, entender que tudo que não visa o lucro é automaticamente altruísta, e estranham um profissional que trabalhe assim e que também receba dignamente por isso. Esta forma de viver e pensar o trabalho, por outro lado, precisa de atenção e de estratégias para não sucumbir às capturas.

Uma questão importante surgiu quando tentávamos obter recursos para o Festival de Cine-rebelde. Como nos organizamos por comissões formadas de acordo com as demandas de trabalho, para nos inscrevermos em editais para dispor de recursos, não é simples. No edital da FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), organização não-governamental, por exemplo, tínhamos que ter uma carta de um representante de algum movimento popular que

⁶Ver <http://coletivokinoia.blogspot.com/>

⁷Ver <http://matecomangu.wordpress.com>

apoiasse o Festival. Nossa inserção principal é na ocupação Chiquinha Gonzaga, por conta do cooperativado João Barbosa, morador da mesma e militante do movimento dos sem-teto no centro da cidade. O problema ocorreu porque tanto a Chiquinha é um coletivo sem hierarquia, quanto o movimento em que João participa é contra qualquer forma de representação. E conseguir uma carta na ocupação não seria nada fácil, já que é reativa a qualquer pedido nesse sentido, com razão, já que várias ONGs e instituições sociais no Brasil são peça importante no maquinário clientelista, secular e ainda atuante. Fomos a Acari e obtivemos uma carta do presidente da associação de moradores, embora nosso contato fosse com o vice, e os dois possuam posições opostas em termos políticos.

Já para conseguirmos uma conta bancária para apresentar à Fase teríamos que ter uma conta de pessoa jurídica, sem fins lucrativos. Conseguimos com a Posse, associação sem fins lucrativos ligada à extinta FLP. Teríamos que pagar somente os encargos referentes ao imposto de renda, cerca de 10% do total recebido. Tivemos sorte porque em geral quem “empresta” a conta cobra o dobro. Ficamos curiosos para saber como acontece na Alemanha e em outros países...

Já num plano mais interno, de novo as dificuldades da organização autogestionária não são poucas. É preciso respeito a todas as opiniões, espaço para as mesmas, constante questionamento, enfim, um processo cotidiano de construção do comum. Isto torna o tempo precioso já que, como somos uma cooperativa iniciante, possuímos compromissos para garantir o “ganha-pão” diário. Estamos, portanto, nesse momento de existência, inseridos numa jornada dupla de trabalho: a cooperativa e o sustento, o que não é nada tranqüilo.

Claro que o “sucesso” é importante, porém as dificuldades ativam processos de aprendizado, são elas que realmente possibilitam à gente se repensar e se transformar: a crise como oportunidade⁸. Um trabalho em que se opere com e não contra os outros. Para além do que a legislação sobre cooperativas legisle, há um desejo de se trabalhar de maneira cooperativa, não apenas porque isso facilita a competitividade num mercado cruel, mas por uma opção estética, ética e política. Para isso não basta estarmos reunidos em grupo. É preciso certo modo, uma sensibilidade, um jeito de ser e estar. Como entrar no mercado, ter um trabalho que sustente nossas necessidades econômicas, sem se tornar tudo que o mercado representa? Dito de outra forma: como entrar nesse mundo sem adaptar-se a ele, como vestir certas roupas sem que elas se grudem em nossa pele?

Uma dificuldade é confundir esse modo não capitalista com uma “não-cobrança” entre os cooperados da responsabilidade do que não acontece ou acontece mal. E isso soa como uma falta de interesse em que o trabalho dê certo, vai ficando todo mundo desanimado, cheio de ressentimento, a coisa vai se burocratizando e vamos “empurrando com a barriga”. Ou então, nem se chega a

⁸ No livro *O Ponto de Mutação*, Fritjof Capra explica que os chineses seriam particularmente sensíveis à conexão entre crise e mudança, sendo o próprio termo que eles usam para crise, *wei-ji*, composto de dois caracteres: “perigo” e “oportunidade”. (São Paulo, Cultrix, 1999.)

combinar e planejar nada numa fantasia de que todos se harmonizarão devido a uma suposta disposição natural a cooperar. É um aspecto sutil na organização, um modo de se relacionar consigo e com os outros que leve em conta os sentimentos e acolha as dificuldades de todos no processo de trabalho, mas que também se preocupe com que o trabalho aconteça. Surgem defesas “maníacas” a esse desânimo ou depressão, uma certa megalomania nos projetos... Como sair da culpa, do ressentimento, da cobrança... *movementar*, *mentarmover* e trabalhar com a idéia de um rigor e um compromisso não da submissão, mas da arte e da criação?

Planos e ensejos

A partir do recebimento de uma carta do companheiro Marcelo Negrão, que se encontra atualmente na França, ensejamos ativar a dimensão de internacionalização na cooperativa, expandindo o processo de troca, diálogo e articulação. A idéia é que as cartas sejam lidas e respondidas nas nossas reuniões, com um sentido diferente daquelas escritas numa *mailing list*, que se tornam muitas vezes impessoais, propiciando uma escuta em comum e provocando uma necessidade de resposta. O presente texto pode também ser lido neste sentido, como uma espécie de carta aberta, como o início de um diálogo que nos fortaleça a partir de uma troca de experiências.

Uma outra idéia que queremos colocar em prática em breve é a participação destes companheiros internacionais em uma reunião mensal via web. Isso já aconteceu uma vez quando do encontro em Tübingen, onde diversos coletivos expuseram suas idéias e nós participamos virtual e presencialmente (através do sócio-parceiro Severin). Trabalhamos ainda na construção de uma rede de comunicação e interação, através do nosso site: <http://movementecooperativa.webnode.com//>.

Uma outra questão é o desejo de uma sede. Tendo passado recentemente a encontrar-se na ocupação Chiquinha Gonzaga, no centro da cidade, a Cooperativa vem participando de reuniões de articulação para a ocupação de um lugar abandonado. Nossa idéia é, além de constituir um local de trabalho, a criação de um centro cultural aberto à participação de outros grupos.

O Festival de Cine-Rebelde deixou frutos, um deles o projeto até aqui chamado de Cine-Escola, com o professor Roberto Novaes, da UFRJ, que trabalha há tempos com cinema e educação. A princípio este seria constituído por cursos e oficinas de música, teatro, cinema, poesia e reflexão crítica, em escolas públicas. Em outra frente, em parceria com lideranças da favela de Acari, a Cooperativa iniciou uma pesquisa junto a seus moradores para avaliar as demandas existentes, e analisar, dentre as possibilidades, quais estão ao nosso alcance. Atualmente tentamos articular esses dois projetos.

Horizonte

O trabalho cooperativo envolve o sentimento, ao mesmo tempo precisamos descobrir o que nos mantém juntos, o que nos contagia e o que nos afasta e fragiliza. Aí está o desafio: ser um grupo autogestionário e interdependente. Ao participar de uma cooperativa, rapidamente compreendemos que a indiferença não é irrelevante, quem trabalha em grupo se enfraquece quando não vê ressonância nas suas propostas, o fazer parte sem participar ativamente é despotencializador para um grupo que se compõe no conjunto. O que fazer para evitar a indiferença? Talvez abandonar, um pouco, o compromisso com as “verdades” e abraçar a cooperação como paradigma possível.